

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Editor.—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNALS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Ninguém a esta hora poderá afirmar, sem mentir, que desconhece o nome de Sá Pereira como Presidente da nossa Câmara, nem também o carinho, esforço e dedicação que aos melhoramentos públicos tem dispensado.

Se é certo que os homens se impõem pelas suas qualidades, pelos seus méritos e pela sua actividade postos ao serviço da sua terra, quere-nos parecer que nunca será superfluo nem inoportuno, destacá-los, como preito de justiça, e estímulo para os novos que amanhã serão os mentores e directores das coisas públicas.

Esta é a razão porque nos sentimos honrados ao termos de falar de Sá Pereira, invocando o seu nome com admiração e respeito, pelo muito que tem feito por Espozende, na ânsia de a elevar a grau superior como tantas terras têm logrado.

São sempre penosos os logares de homens que têm de ser criticados pelos que nada fazem ou, se fazem alguma coisa, pouco é e pouco conta, para o engrandecimento duma terra.

Sá Pereira, como todos os que têm aos seus ombros o pesado encargo de administrar um concelho, numa época de crise excepcional, não pode excluir-se desse número, o que não quere dizer que esnoveça, ou dê ouvidos aos inimigos que são sempre muitos quando se prodaz alguma coisa...

Sempre assim foi quando na estrada da vida o homem consegue, em qualquer sector da actividade humana, desencadear as peias do egoismo alheio, da malquerença, e do despeito, por via de regra desacreditado; chovem os improperios, inventam-se erros de administração, urdem-se engenhosamente variadas calunias, sempre condicionadas pela falsa noção das responsabilidades que a cada um pertence quando as profere.

São raros os exemplos dos que auxiliam o homem quando ele pretende largos vôos, e pelo contrário os entraves abundam, na expectativa ridicula de o verem tombar, não por sua culpa nem carencia de qualidades, mas só-

A grandiosa obra de resurgimento de Sá Pereira na Presidência da Câmara



P.º Manuel M. de Sá Pereira

mente porque o apoio escasseia; e quando assim é, nem a obra do homem se impõe nem consegue triunfar.

Mas, e há sempre um *mas*, a obra de Sá Pereira tem prosseguido; com dificuldades?, não as negamos, mas tem seguido á-vante e o que nos interessa é a constatação do facto.

A sua defeza, ou, melhor, o seu elogio, é bem fácil de fazer-se. Não há necessidade de se inventar argumentos nem para isso nós a serviríamos.

A sua actividade, salta patentemente aos olhos de todos, desde o momento que se deseja compreender a sua obra.

Não precisamos de enumerar a longa lista de melhoramentos já realizados, quer dentro da vila, quer no concelho, porque deles está o público certo, e só o não estará se por maldade quizer fechar os olhos á realidade.

E então? perguntará o leitor conspicuo, entre um dilema aparente que depressa se desfa-

rá; se se não fala do que está feito, de que se ha-de talar? Do que há para fazer, do que já se principiou a fazer?

Assim, nos aparece a electrificação do resto do concelho, obra orçada em escudos 240.299,24, com subsidio do Estado de esc. 50.401,18; a estrada de ligação entre a Avenida Marginal e a estrada Nacional n.º 11.ª, orçada em esc. 64.215,13, com o subsidio do Estado de esc. 25.582,37; a ampliação e modificação do Edificio dos Paços do Concelho, orçada em esc. 81.200,00, com o subsidio do Estado de esc. 25.000,00; o abastecimento d'água á vila, orçado em esc. 296.162,00 com o subsidio de esc. 105.228,00; a estrada de ligação entre a E. N. n.º 1, 1.ª e a estrada de Belinho, orçada em esc. 22.264,86 com o subsidio do Estado de esc. 9.056,00 mais esc. 3.000,00; a estrada de ligação entre a E. N. n.º 1,

1.ª e logar da Abelheira da freguesia das Marinhas, orçada em esc. 17.813,61, com o subsidio de esc. 8.906,80.

Esta é a lista recheada que hoje podemos apresentar aos nossos leitores, e amigos; a todos os que de facto sentem e quere-m o prestígio da terra.

«O Espozendense» não usa de laconismos. Não engalana as suas paginas com adjectivos.

Nós sentimos, exuberantemente, a causa que defendemos, certos de que há meio século vimos sendo os pugnadores dos grandes empreendimentos.

Não ocultamos o nosso bairrismo; e, quando nos confessamos assim, não é por lisonja nem vaidade, mas porque damos prova, clara e evidente, de que nunca o nosso humilde jornal serviu para destronar este ou aquele, nem desfazer a obra dos que nos governam.

Queremos um Espozende grande, dignificado pelos seus filhos e aformoseado pelos seus melhoramentos.

Pretendemos que a nossa terra, também de tradições, embora ignoradas, se não desvalorize ao contacto com outras.

Ansiamos cada vez mais o seu florescimento e só assim não pensará quem, por interesses materiais, se possa sentir lesado; mas nem isso.

Por isso, enaltecendo a obra de Sá Pereira, prestámos-lhe apenas a justiça que merece, e desejaríamos que todos se unissem para que da união nascesse a força e conseqüentemente o progresso da nossa terra.

Nada mais temos a acrescentar.

Muito mais haveria para dizer, mas, já cansados da luta e alquebrados pelos anos, reservamo-nos de mais e mais comentários para o dia de amanhã, no momento da glorificação completa de Sá Pereira.

O Progréso de Espozende, tem de ser obra dos seus filhos

A Póvoa de Varzim levou muitos anos a reclamar, com reiteradas instancias, o seu **Porto de Abrigo**, que no momento presente vê activar a sua construção, por mercê que lhe fizera o Ilustre Presidente do Ministerio, Ex.^{mo} Senhor Doutor Oliveira Salazar, que pôsto ao facto da velha pretensão dos **póveiros**, lhes prestou justiça, mandando traçar a planta e iniciar as obras, que seguem seu curso com brilhante exito.

Foi uma grande homenagem prestada áquella terra, que em sucessivas gerações apontou á governação pública a sua mais instante necessidade local, nas suas demonstrações bairristas.

Logo, a Póvoa, ficando-lhe muito reconhecida, conquistou uma glória que para honra sua, dos governantes e das povoações limítrofes, não pôde postergar a posse d'esse direito a outrem, por ser um populoso centro piscatório.

O **Porto de Abrigo dos Cavalos de Fão**, conquanto seja uma ideia constantemente alimentada há bastantes anos pelos seu acérrimo defensor Chaves Coupon e secundada por alguns técnicos, está muito longe de se converter em realidade, porque as forças vivas do Concelho dormiram sempre; porque tem pouca actividade e acção.

A' Póvoa cabe bem o regosijo da sua conseguida aspiração por todos seus filhos; e justo é que os povos circumvisinhos se associem ao legítimo orgulho de que ella hoje se ufana, razão porque não tocamos no assunto dos **Cavalos de Fão**.

Não.—Perdao, isso não. Espozende precisa antes fomentar a sua industria de construções navais numa mais extensiva escala, para que nelas encontrem trabalho não só o calafate, como os operários das indústrias inerentes, como são os madeiros, ferreiros, pintores, cordoeiros, carreteiros, etc., pois todos são necessários ao navegante.

E' bem de ver o grande fomento comercial que actua todo aquêlle que vive do incremento dos **estaleiros**. Desta industria em Espozende, já magníficos veleiros tem singrado os mares, levando o nome da terra que os lançou solenemen-

ÁGUA

«Vox clamantis in deserto»

A nossa campanha—passe o termo guerreiro—em prol da captação e canalisação das águas do Bourro que venham alimentar a nossa fonte pública—defendendo assim uma população inteira de males que podem, de um momento para outro, acarretar perigos irremediáveis—tem, sob todos os pontos de vista, uma oportunidade flagrantíssima!

Outro fim, que não seja este, nos determinou.

Há muitos anos já que Espozende luta com falta de água para consumo dos seus habitantes. São os poços, em geral sujos e infectos, que nos fornecem o liquido mal cheiroso e salobro que todos se vêem na necessidade extrema de aproveitar para beber, ou para empregar nos diferentes usos caseiros.

Periga, portanto, a nossa saúde e são póstas de parte as regras mais elementares da hygiene pública!

Sejamos justos; sim, sejamos justos e imparciaes.

Um tal estado de coisas, não pôde prolongar-se por mais tempo, não pôde eternisar-se. Seria um crime.

Há que tomar-se, dentro de um curto praso, uma providência enérgica que põha cõbro a um tal estado de coisas.

Espozende; não é uma terra de selvagens, uma terra morta, apagada, escondida entre a urze do montado. Espozende é já uma terra que marca.

Visitada e freqüentada por imensa gente de fóra—principalmente na época balnear—, é triste, verdadeiramente confrangedor, que não possamos, num caso de precisão, oferecer a essa gente um cõpo de água **bebível** quando, aqui a dois passos de nós, a temos da **bõa, da melhor**.

E' triste, mas é verdadeiro.

«Cesse tudo o que a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta»

assim dizia o imortal cantor das nossas idas glórias.

Cessem as pequenas obras em projecto; abra-se um compasso de espera e acuda-se de prompto á necessidade urgente, por todos justamente reclamada—trazer a água para a nossa fonte pública.

São, realmente, de uma tal ou qual necessidade e importância os carinhos vicinaes—não seremos nós quem tal põha em dúvida.

A verdade, porém, é que êsses caminhos podem, sem prejuizo de maior monta, ser relegados para um segundo plano; podem esperar mais algum tempo. A água, essa, **nem mais um dia!**

Não carece de larga justificação a nossa tese; de bõa fé, ninguém haverá que possa discordar da nossa maneira de ver; as coisas são o que são e não aquilo que nós queremos que sejam. E assim é que está certo.

A'gua, água; antes de tudo e primeiro que tudo. O resto virá a seu tempo e pela ordem das várias necessidades.

Traçado o nosso rumo, nêle prosseguiremos denodada e acrisoladamente, até que **alguem** nos oiça.

Vox clamantis in deserto?

Talvez. Em todo o caso, não nos fique a pena. Diz-nos a consciência que cumprimos um dever—o grande dever que está acima de tudo.

te á água, a paragens mui distantes.—E consigo a fama levaram.

As construções navais de Espozende, devem, pois, ter por missão construir a frota mercante, para que possam auferir interesses não só os naturais como os estranhos, influindo assim nos interesses locais e con-

celhios, também.

Tõda a riqueza a sair do Mar pela barra da Póvoa, — pela **Barra Nova**—que irá demonstrar a instante necessidade que dela o País tem—está pedindo, sómente, **transportes**—que levem aos recõditos das aldeias o peixe que lá raro se consome, sendo só a **sar-**

diha em salmoura o único presigo transportado até hoje, a pé por sardinheiras—repeteiras.—E neste ponto, o Caminho de ferro, precisaria de demarcar já os seus traçados.

A póstos estejam todos quantos do serviço férro-viário vivem, para que também insuflam vida e necessidade de mais largas rédes pelo norte, para servir as populações ruraes do Norte. Leixões está um porto marítimo condigno e de atracação das toneladas de alto bordo.—Com o da Póvoa, fica já o Norte rasoavelmente servido.—Nada de concorrências desleais onde os interesses se esfarrapem e se desvalorizem.

A honestidade de principios ainda é uma modalidade que se observa, para honra de todos nós, felizmente.

E, presentemente, o que mais se deve procurar, são comunicações para radiar o mercado—frêscio com a exportação rápida que êle exige.

Claro está, que não devemos só fazer convergir pontos de vista para pretensões iguais;—mas, sim, fomentar a actividade em outras manifestações de progresso.

E os meios de transporte são da mais transcendente actualidade, para seguir em linha recta, e diariamente, as requisições das cidades do Norte, que são milhares de contos em ebulição, anualmente.

Não nos detenhamos, pois, em mais considerações.—Cada um, por si, pode ser um propagandista do seu berço, e já por isso um patriota...

Deixo-lhes o campo livre, num direito que lhes assiste, e se o fizerem dão uma prova de bairrismo na medida dos seus recursos.

E' esta a mais democrática das resoluções, e n que todos çabemos, perfeitamente, dentro do ideal que **«O Espozendense»** anseia:—o Progresso do Norte de Portugal.

Porto.

L.

POR FÃO

Futebol

No último domingo, 22, realiso-se em Fão, um desafio de futebol entre as categorias de honra do Grupo Desportivo de Fão e do Estrela Futebol Club, de Viana do Castelo, desafio este que, corren na melhor ordem e cheio de entusiasmo. Os fãozenses fizeram uma exhibição que nos deixou deveras entusiasmados, o que deu lugar a que o Estrela fosse derrotado pelo score 7x2 a favor do grupo local.

Assim é que é correccão e ordem, para bem do desporto. Dos rapazes, não há nenhum a destacar porque todos cumpriram.

P Á T R I A

Nos Heróis do 28 de Maio de 1926.

Pátria minha, lindo berço meu,
Por tantas tradições enriquecida,
Tens neste coração uma guarida
P'ra conservar em guarda teu trofeu.

Nunca a voz do passado emmudeceu.
P'ra t'exaltar a fama merecida,
Gloriosa, por todos conhecida,
Tens tido longos anos d'apogeu.

Celebrizaram tuas gerações
O nome tão ditoso que possuis,
Bravos heróis tiveste entre os êxuis
Que com amor honraram teus pendões,
Tornando-te a mais nobre das nações,
Soberana dos mar's e céus azuis.

1938

Henrique de Faria

M A R

Que segredos tão profundos
Encerras tu n'essas águas?
A quem contas teus segredos
A quem dirás tuas máguas?!

A' terra! ao céu? ás estrelas?!
A que vastidão d'alem?
—Irmão do teu coração
Eu não as conto a ninguém.

SILVA VIEIRA.

De Dulce de Montalvo

pseudónimo literário de uma gentil e graciosa barcelense, jornalista e poetisa de rial e formoso talento, descaravel e prematuramente roubada, pela parca Atrópos, ao firmamento das Letras pátrias, onde se revelava uma promissiva estrela de raros brilhos e de estranha refulgência,—êste belo e significativo soneto, como que tocado de resignação e de uma vaga profecia:

P A R T I R

Digo-te adeus com calma, com coragem,
Olhos enxutos, lábios a sorrir.
Que vale para nós uma Viagem
Se minha alma contigo vai partir?

Partindo fica em mim a tua imagem,
O som da tua voz, o teu sentir;
O consólo da tua vassalagem,
E dos dias felizes que hão-de-vir.

Separados? não creias, por favor;
Só está longe quem não tem amor,
Quem não tem fé nos corações leais.

Se carpimos tão breve apartamento,
Se choramos a ausência dum momento,
Que fará quem partir p'ra nunca mais?

Dulce de Montalvo.

ALMA LIBERTA

(Ao espírito gentil de Dulce de Montalvo).

Alma de santa, simples e formosa;
junto ao seio de Deus ora acolhida,
findou seu transe, a senda dolorida
desta visão efémera e enganosa.

Ao Azul se librou. Deixou a lida
ilusória e vã, rude e tormentosa;
p'ra gozar outra Vida luminosa
e uma paz verdadeira e apetecida.

As almas, em seguindo o trilho certo,
destina-as Deus para exercer de perto
a Virtude e o Bem, com ufanía...

São essas,—quantas?—como a dela, puras,
que Deus manda que ascendam ás Alturas
para viver na Luz do eterno Dia.

ÁLVARO PINHEIRO.

BIBLIOGRAFIA

«Cantares do Minho»
(Canção popular)*Barcelos —1937.*

O sr. dr. Fernando de Castro Pires de Lima, devotado etnólogo e etnógrafo, *doublet* de abalizado médico, reuniu em uma esplendida brochura, saída das acreditadas oficinas gráficas da Companhia Editora do Minho, com séde em Barcelos, uma interessante colectanea de quadras populares, ouvidas e coligidas em S. Simão de Novais (Famalicão) e em Celorico de Basto, anteriormente publicadas, em duas séries, na *Revista de Guimarães* e nos *Trabalhos* da douta Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; e agora reeditadas, em 3 capítulos, sob o título genérico de **Cantares do Minho**.

Dado e afeiçoado, desde longos tempos, ao cultivo e expansão do folclore e da etnografia, não foi sem praser muito intimo que manuseei o magnífico trabalho do sr. dr. Pires de Lima, constituído da sua canceira em fazer tão farta colheita e aprovisionamento, dados os momentos de lazer que tão utilmente aproveita e lhe sobejam da sua fadigosa clinica, ou seja nos periodos de férias.

Pacientemente ouvidas e coligidas da tradição oral, logrou o sr. dr. Pires de Lima colher e reunir 1.172 e 358 trovas populares, em S. Simão e em Celorico, repectivamente, subsidiando, assim, com o seu livro, o estudo que vem fazendo da etnologia, tão certa é, como afirma o eminente lusófilo inglês M. Anbrey Bell, *que a literatura portuguesa quando se vivifica, o faz quasi sempre em estreito*

contacto com as canções humildes do nosso povo dos campos;—chistoso, imaginativo, poético, inteligente e supersticioso.

Aceite o sr. dr. Pires de Lima os nossos efusivos e cordiais parabens, de conjunto com os nossos sinceros agradecimentos pela gentil e cativante oferta da sua magnífica e prestimosa obra.

Uma obra notabilíssima

A prestimosa **Editorial Enciclopédia Lda.**, de Lisboa, a quem o país deve já o alto serviço cultural da edição dessa obra monumental que é a *«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»*, anuncia largamente a aparição no nosso mercado livreiro de uma obra que, decerto, vai causar enorme sensação **«A Aliança Inglesa»**, notas da história diplomática, da autoria do Prof. Armando Marques. Dada a categoria do illustre autor, um dos grandes nomes da intelectualidade portuguesa, professor insigne e jornalista de grandes voos, dado ainda o interesse que o título da obra desperta neste momento solene da nossa vida internacional, desejamos obter detalhes ácêrca do novo trabalho que, em breve, aparecerá à venda em todo o país. Os simpáticos editores, que contamos no numero dos nossos bons amigos, amavelmente nos elucidaram em meia dúzia de palavras e por elas ficamos convencidos do que este livro, em que purmonorisadamente se relatam e documentam todos os contactos que, através da história tiveram até hoje, os povos e as côrtes inglesas e portuguesas, será sem sombra de dúvida, um grande ê-

